



Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos
(PAMVILLA)

ANAIIS VIII SIMPÓSIO VILLA-LOBOS - 2024

Org.: Paulo de Tarso Salles

CMU – ECA/USP



É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

S612a

Simpósio Villa-Lobos (8. : 2024 : São Paulo)
Anais do VIII Simpósio Villa-Lobos [recurso eletrônico] / organização
Paulo de Tarso Salles. – São Paulo : ECA-USP, 2024.
PDF (376 p.)

Trabalhos apresentados no simpósio realizado nos dias 12 e 13 de setembro de 2024.

ISBN 978-85-7205-298-6

1. Música – Brasil - Congressos. I. Salles, Paulo de Tarso.

CDD 21. ed. – 780.981

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Compositor proscrito? Vanguarda do século XX e Villa-Lobos em performances corais em São Paulo (1960-1979)

Ana Paula dos Anjos Gabriel
ana.gabriel@ufmt.br | Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Susana Cecília Igayara-Souza
susanaiga@gmail.com | Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: O artigo discute a presença de obras de Villa-Lobos e de compositores brasileiros que não foram adeptos da vanguarda no repertório de um grupo de coros nas décadas de 1960 e 1970 em São Paulo. A discussão é feita a partir de fontes orais e de fontes documentais, nas quais Villa-Lobos é percebido como um compositor proscrito em meio à disputa estética entre vanguarda e nacionalismo. Entretanto, as fontes também indicam que houve uma continuidade nas práticas de repertório que incluíam Villa-Lobos e compositores que não pertenciam à vanguarda, mesmo entre intérpretes e coros próximos ao movimento. Em última análise, o trabalho discute Villa-Lobos como compositor que continuou a ter importância no meio coral paulista, como também contribui para a estruturação de visão mais ampla a respeito da atuação artística da vanguarda brasileira, que permeou não apenas a atividade de composição, como também de performance e práticas de repertório.

Palavras-chave: Heitor Villa-Lobos; Repertório coral; Vanguarda do século XX; São Paulo; Performances corais.

English title: The outcasted composer? Avant-garde of the 20th century and Villa-Lobos in choral performances in São Paulo (1960-1979).

Abstract: The paper discusses the presence of works by Villa-Lobos and Brazilian composers who were not followers of the *avant-garde* in the repertoire of a group of choirs in the 1960s and 1970s in São Paulo. The discussion is based on oral and documentary sources, in which Villa-Lobos is perceived as a composer outlawed in the midst of the aesthetic dispute between *avant-garde* and nationalism. However, the sources also indicate that there was continuity in repertoire practices that included Villa-Lobos and composers who did not belong to the *avant-garde*, even among performers and choirs close to the movement. Ultimately, the work discusses Villa-Lobos as a composer who continued to be important in choral activities in São Paulo, as well as contributing to the structuring of a broader vision regarding the artistic performance of the Brazilian *avant-garde*, which permeated not only the activity of composition, as well as performance and repertoire practices.

Keywords: Heitor Villa-Lobos; Choral Repertoire; Twentieth century *avant-garde*; São Paulo; Choral performances

Apresentação

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado da primeira autora (Gabriel, 2021) e orientada pela segunda autora, que teve como objetivo investigar a prática de música antiga e de música erudita do século XX no ambiente coral das décadas de 1960 e 1970 de São Paulo, discutindo as principais questões interpretativas que permearam a performance desses repertórios que emergem de fontes bibliográficas, bem como de um conjunto de fontes documentais e de fontes orais estabelecido especialmente para a pesquisa.

Entre as fontes orais, estão entrevistas de regentes que atuaram nesse período estudado e que foram elaboradas especificamente para a pesquisa. As fontes documentais, por sua vez, são compostas por recortes de jornal e de textos da imprensa periódica em geral, partituras usadas em performances e ensaios, programas de concerto, fotos, registros de áudio e registros audiovisuais dos coros estudados, quando existentes.

Uma temática que emergiu nas entrevistas é a performance de obras musicais de Heitor Villa-Lobos em coros dos quais esses regentes entrevistados fizeram parte em São Paulo nas décadas de 1960 e de 1970. Essa participação incluiu experiências dos colaboradores como coralistas e como regentes corais. Nas respostas dos colaboradores, cantar Villa-Lobos era percebido como uma ruptura com o que os círculos musicais de vanguarda com os quais esses entrevistados conviviam tinham como ideais de performance musical e de práticas de repertório (Gabriel, 2021).

Essa temática que emergiu das entrevistas é especialmente pertinente pelo fato de as décadas de 1960 e 1970 constituírem uma época imediatamente posterior à morte do compositor, em 1959, em que a tradição coral alimentada pela prática do canto orfeônico durante o período em que Villa-Lobos esteve à frente do projeto ainda se perpetuava na forma de instituições de formação, da divulgação e circulação de repertório coral.

Com essas informações, é possível questionar: tal prática de repertório realmente se sustentou no meio coral de São Paulo no período histórico pesquisado (1960-1979)? E, especialmente com o cotejamento das fontes documentais selecionadas especialmente para a pesquisa, essa exclusão de Villa-Lobos do repertório se manifesta na programação dos concertos documentados em programas, jornais e em acervos com materiais de estudo e performance musical?

Neste artigo, discutimos a presença de obras de Villa-Lobos, bem como de compositores brasileiros que não foram adeptos da estética de vanguarda e continuaram a desenvolver uma produção que se utiliza do tonalismo e de procedimentos composicionais do Romantismo e pós-Romantismo, no repertório dos coros estudados na pesquisa¹. A discussão é feita a partir das fontes orais e das fontes documentais estabelecidas para a pesquisa e procura não apenas localizar Heitor Villa-Lobos como um compositor que continuou a ter importância no meio coral paulista, como também para contribuir para a estruturação de uma visão mais ampla a respeito da atuação artística da vanguarda brasileira.

¹ Em Gabriel (2021), bem como neste artigo, os coros pesquisados aos quais faço referência no decorrer do artigo são: Conjunto Coral de Câmara de São Paulo; Madrigal das Arcadas; Madrigal Ars Viva de Santos (SP); CoralUSP; Coral do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.

Contextos: a disputa estética entre vanguarda e nacionalismo

Há, como um elemento contextual importante, a disputa estética entre vanguarda e nacionalismo musical brasileiro que se intensifica na década de 1950 e perdurou nas décadas de 1960 e 1970. Na bibliografia sobre a música erudita brasileira do século XX, essa disputa é amplamente discutida. Koellreutter (1950), em sua resposta à *Carta aberta aos Músicos e Críticos do Brasil (1950)* escrita por Camargo Guarnieri (1907-1993), menciona de fato um nacionalismo “[...] exaltado e exasperado que condena cegamente e de maneira odiosa a contribuição que um grupo de jovens compositores² procura dar à cultura musical do país [...]” (Koellreutter, 1950, não paginado). Em seu compêndio a respeito de música contemporânea brasileira, José Maria Neves (2008) menciona o nacionalismo como um antagonista importante de uma disputa estética polarizada contra o dodecafonismo e associa Villa-Lobos ao nacionalismo. Kater (2000), ao discorrer a respeito da atuação de Koellreutter na discussão da *Carta Aberta*, também menciona o nacionalismo, sem contanto mencionar nessa discussão a figura de Villa-Lobos. Verhaalen (2001) já apresenta a disputa estética em torno da *Carta Aberta* não tanto como algo tão polarizado apenas entre vanguarda e nacionalismo, mas que contemplou também a manifestação de compositores que tinham apenas um alinhamento parcial com ambos.

Em relação à bibliografia a respeito das práticas corais brasileiras, é possível localizar menções a essa aversão a Villa-Lobos em Rodolfo Coelho de Souza (2011), em referência ao trabalho de Roberto Martins com o Madrigal *Ars Viva de Santos* (SP):

“[...] seu compromisso com as linguagens de uma vanguarda que se renova ao longo dos anos passando a assimilar uma recuperação da sonoridade do canto coral tradicional. Isso se manifesta, por exemplo, no resgate da obra coral de Heitor Villa-Lobos, um projeto que certamente estaria fora dos propósitos do *Ars Viva* nos anos 1970, devido à excessiva proximidade naquela década com as conotações do nacionalismo musical, mas que Martins empreende com muita competência depois de 2000. (Coelho de Souza, 2011, p. 27)

A relação da vanguarda com a música coral de Villa-Lobos: entre a proscrição e a valorização de uma tradição musical

Villa-Lobos, que representou o nacionalismo na composição musical erudita brasileira, uma estética à qual a vanguarda se opôs, foi frequentemente considerado pelos entrevistados como um compositor proibido de ser interpretado, especialmente no contexto do Departamento de Música da USP. Em sua entrevista, por exemplo, Lutero Rodrigues (2018, p. 19) caracteriza

² Nesse contexto, Koellreutter se refere a compositores que adotaram, à época, a técnica dodecafônica em suas composições musicais, e aos quais Guarnieri se opôs esteticamente em sua *Carta Aberta*.

as composições de Villa-Lobos como um repertório “proscrito”. Sobre sua experiência como regente, ainda afirma que “Quando ninguém fazia Villa-Lobos, eu fiz; quando ninguém fazia romântico, eu fiz. E fazia o que todo mundo fazia também.” (Rodrigues, 2018, p. 19).

Portanto, Rodrigues (2018) se refere especificamente aos concertos com repertório romântico, bem como de obras de Heitor Villa-Lobos, como uma ousadia para a época, considerando principalmente sua convivência com o meio musical do Departamento de Música da USP. Em referência ao repertório do Madrigal Klaus-Dieter Wolff, que constituiu um dos grupos estudados em minha pesquisa de doutorado, Rodrigues afirma:

A música do Romantismo não era uma prioridade aqui na USP. Até a música de Villa-Lobos eu fiz com esse coro [o Madrigal Klaus-Dieter Wolff], e Villa-Lobos nessa época era proscrito. Era um compositor maldito que ninguém podia mexer com ele. Era proibido fazer Villa-Lobos aqui na USP. (RODRIGUES, 2018, p. 4)

Para Rodrigues (2018), foi apenas com o reconhecimento de autores como Olivier Messiaen (1908-1992) que a obra de Heitor Villa-Lobos pôde ser revisitada, ao comentar que o brasileiro “ Precisa ter um referencial de fora para [...] começar a pensar no Villa-Lobos de outra maneira” (Rodrigues, 2018, p. 4).

Já Roberto Martins (2019), ao relatar sua experiência como coralista de Klaus-Dieter Wolff no grupo e sucessor de Wolff como regente do Madrigal Ars Viva de Santos (SP), reiterou em diversos momentos de sua entrevista que a trajetória do Madrigal no período incluiu performances de obras de autores que representaram valores estéticos distintos dos compositores de vanguarda. Na ocasião da visita ao acervo do Ars Viva, Martins citou obras de compositores como Camargo Guarnieri, Ernst Mahle, Osvaldo Lacerda e Heitor Villa-Lobos como parte do repertório do grupo. Guarnieri, inclusive, é mencionado por Martins (2019) como um dos muitos compositores brasileiros a escrever peças especialmente para o Ars Viva, ainda na época em que Wolff era regente do coro.

Durante a visita ao acervo da Sociedade Ars Viva, Martins também mostrou *Et Ostendit Mihi* de Ernst Mahle, obra atonal que fez parte do repertório do Ars Viva, indicando que esse antagonismo estético entre vanguarda e compositores tonais foi relativo e não impôs limites rígidos tanto para a linguagem composicional dos compositores quanto para as escolhas de repertório de intérpretes.

Marco Antonio da Silva Ramos (2020), em sua entrevista, não menciona diretamente Villa-Lobos ou o nacionalismo, mas retoma a questão da recepção da música romântica no

Departamento de Música da ECA-USP ao relembrar sua vivência como aluno da instituição. O regente menciona especificamente suas aulas com Willy Corrêa de Oliveira no Departamento de Música da ECA-USP, em que a música romântica de compositores como Frédéric Chopin (1810-1849) se fazia presente como repertório.

Em suas aulas de regência com Klaus-Dieter Wolff, também professor do Departamento, Silva Ramos recorda:

Eu posso saber tudo que é uma cadeira analisando uma cadeira, menos que ela serve para sentar. Se não tiver uma pessoa em cima. Na hora que tem uma pessoa em cima, você já está pondo o contexto, não é mais só um objeto. Se eu não sei a priori que ela é uma cadeira, eu vou olhar e posso descrever estruturalmente e dizer que ela é uma escultura, mas não que ela é uma cadeira. Isso foi o Klaus [Dieter Wolff], tá? Que um dia ele lá pelas tantas perguntou: “O que você vai fazer com essa peça?”. E eu: “Vou fazer assim, por causa disso, por causa daquilo”. Klaus: “Nossa, está ótimo, você fez uma ótima análise. Mas e isso?”. Lá pelas tantas ele dá esse exemplo da cadeira para mim. Ele desmontava um discurso muito ideológico, muito purista que a gente tinha. Porque vanguarda é um termo de guerra, está certo? E a gente achava que estava em guerra para implantar uma nova mentalidade, que era a música nova, a música não tonal, já basta de tonalidade, isso tudo. (SILVA RAMOS, 2020, p. 5)

Essa postura dogmática da vanguarda é retomada em um outro momento de sua entrevista:

É uma luta contra, mas é essa coisa Heroica, o Herói, sabe? É guerra! Vamos lá, vamos combater[...]. Tem uma coisa meio romântica mesmo, de heroísmo, de luta...por uma ética, já tinha isso. Ligado ao fazer musical, né? (SILVA RAMOS, 2020, p. 10)

Em todas as entrevistas, há a percepção dos entrevistados de que a obra musical de Heitor Villa-Lobos, enquanto representante do nacionalismo musical brasileiro, e de que a música do Romantismo de um modo geral foram repertórios estigmatizados pela vanguarda em meio à disputa estética entre nacionalismo e vanguarda que perdurava nas décadas de 1960 e 1970. Esse posicionamento da vanguarda é retratado nas entrevistas como algo radical e, especialmente na fala de Silva Ramos (2020), como algo próprio do caráter ideológico que adquiriu essa disputa estética entre os compositores brasileiros.

Nas entrevistas, é evidente que, do ponto de vista dos colaboradores entrevistados, mais do que um movimento que procurou atuar principalmente na formação de compositores e na produção de composições, a vanguarda também teve uma importância na atividade de performance musical no ambiente coral paulista das décadas de 1960 e 1970, na orientação de práticas de repertório de grupos próximos à vanguarda.

Entretanto, há também nas entrevistas a presença de informações que contradizem essa percepção, com regentes que, como os próprios entrevistados, interpretaram Villa-Lobos a despeito de ser um repertório proscrito publicamente pela vanguarda. Também há nas entrevistas indícios de que mesmo entre a vanguarda esse posicionamento mais rígido contrário a Villa-Lobos, ao Romantismo e a todo esse pensamento estético e musical que representam adquiriu diferentes matizes.

Essas nuances são presentes nas entrevistas em figuras como Klaus-Dieter Wolff, regente do Madrigal Ars Viva de Santos (SP), que apresentava um pensamento mais amplo a respeito de análise e performance musical em suas aulas de regência do Departamento de Música da USP, com um corpo docente de composição musical orientado para a composição de vanguarda. Ou, no mesmo Departamento, para as aulas de Corrêa de Oliveira, que construía uma base de conhecimento musical a partir de Chopin e do Romantismo para poder ensinar a respeito da atonalidade.

Além das entrevistas, no levantamento de repertório e na pesquisa bibliográfica foi possível também identificar a presença de obras de Heitor Villa-Lobos em concertos dos coros pesquisados que não foram mencionados nas entrevistas, mesmo em grupos próximos a compositores de vanguarda. Há uma presença igualmente relevante de compositores brasileiros que não adotaram predominantemente em suas respectivas trajetórias a estética de vanguarda, como Mozart Camargo Guarnieri (1907-1993), Osvaldo Lacerda, Ernst Mahle (1929), Bruno Kiefer (1923-1987), Adelaide Pereira da Silva (1928), João de Sousa Lima (1898-1982) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

É possível, primeiramente, localizar esse tipo de repertório na atividade do Madrigal Ars Nova, parte do Movimento Ars Nova (1954-1957) em São Paulo (SP), que participou da pesquisa como um precursor de coros como o Madrigal Ars Viva de Santos. O Movimento como um todo teve uma proposta artística de divulgar a música erudita do século XX e a música dos períodos do Barroco, da Renascença e da Idade Média, tanto música instrumental quanto música vocal (Gabriel, 2021). Hans Joachim Koellreutter e suas ideias relacionadas a essa prática de repertório específica foram influência importante para o grupo, do qual participaram alguns de seus alunos, como Klaus Dieter Wolff e Diogo Pacheco (Gabriel, 2021; Sternheim 2010). Trata-se, portanto, de um grupo provavelmente permeável às ideias dos compositores brasileiros que compunham a vanguarda enquanto movimento artístico.

Enquanto o Madrigal Ars Nova teve um repertório constituído predominantemente pela parcela de repertório de música antiga que fazia parte da proposta artística do Movimento, é possível encontrar principalmente entre os concertos de música instrumental registros de performances de obras de compositores do século XX.

Há, por exemplo, programas como o recital anunciado pela Rádio MEC do Rio de Janeiro na edição do Jornal do Brasil de 24 de agosto de 1956. Na ocasião, o programa incluiu a *Première Rhapsodie* para clarinete e piano de Claude Debussy, as *Vier Stücke* op. 4 para clarinete e piano de Alban Berg, o *Choros nº5 “Alma Brasileira”* de Heitor Villa-Lobos, a *Sonata nº1* para piano de Camargo Guarnieri, três das *Vingt Regards sur l’enfant-Jésus* para piano de Olivier Messiaen (*Regard du Père, Regard de l’étoile, Regard du temps*) e *Variationen für Klavier* op. 27 de Anton Webern (Gabriel, 2021).

Destaca-se, nesse concerto, que o repertório escolhido contempla compositores do século XX de diferentes estéticas, inclusive os nacionalistas Camargo Guarnieri e Heitor Villa-Lobos, que à época do concerto (1956) ainda eram compositores vivos.

O Madrigal das Arcadas, grupo da Faculdade de Direito da USP que teve entre seus regentes nas décadas de 1960 e 1970 Diogo Pacheco, também teve um repertório que se caracterizou pela interpretação de peças de música antiga, principalmente da Renascença, e por uma produção musical ligada a compositores do século XX ligados a diferentes orientações estéticas. Entre os destaques do repertório do Madrigal, está a *Missa São Sebastião* de Heitor Villa-Lobos, que fez parte do repertório de diversos dos concertos do Madrigal das Arcadas ocorridos no decorrer da década de 1970, incluindo uma performance no Festival de Campos do Jordão na Igreja do Capivari em 26 de julho de 1970.

Também é um exemplo o repertório do Grupo Coral do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro nas décadas de 1960 e de 1970: Caracterizado tanto na entrevista de Silva Ramos (2020) quanto no levantamento de performances musicais da pesquisa por ter sido de fato um coro mais distante das ideias e do repertório do movimento de vanguarda, foi um coro que realizou obras corais de Villa-Lobos junto a um leque importante de compositores brasileiros do século XX que não foram adeptos da vanguarda. Uma amostra do trabalho do grupo é o disco *Obras de compositores brasileiros do período colonial e contemporâneos* (1967). Esse repertório incluiu *Ofulu-Lorerê*, de Osvaldo Lacerda, *Ziri Nego*, de Souza Lima, e uma performance do arranjo *Xangô*, colocado no encarte do disco como uma composição de Villa-Lobos.

Considerações finais

A análise das fontes e as entrevistas indicam que o repertório do século XX abordado, em sua maioria, contemplou compositores de diferentes correntes estéticas, mesmo entre grupos que tinham maior proximidade com o movimento de vanguarda, como o Madrigal Ars Viva. Destaca-se a presença em concertos de obras de autores como Heitor Villa-Lobos, descrito por Martins (2019) e Rodrigues (2018) como um compositor “proibido” em círculos vanguardistas por ser nacionalista.

O levantamento de performances musicais, assim como as entrevistas e fontes, indicam que os coros estudados adotaram um repertório do século XX que contemplou uma variedade de estéticas composicionais características da produção do século XX. Há também indícios nas entrevistas e no levantamento de performances de que as disputas estéticas empreendidas pela vanguarda nas décadas de 1960 e 1970 não impactaram necessariamente nas escolhas de repertório dos intérpretes, que mesmo em conjuntos corais próximos à vanguarda, procuraram contemplar uma variedade considerável de obras de compositores de diferentes estéticas em seus concertos. Entre os compositores que fizeram parte desse repertório, encontra-se Heitor Villa-Lobos.

A presença de Heitor Villa-Lobos nas performances musicais do período constitui um caso particularmente pertinente em relação a essa variedade de repertório, especialmente em contextos de prática coral o do Madrigal Ars Viva de Santos, que foi um coro que teve entre seus fundadores os compositores de vanguarda Gilberto Mendes (1922-2016) e Willy Corrêa de Oliveira (1938). O Madrigal aderiu em sua fundação a uma proposta de repertório ligada à música de vanguarda brasileira, e à música antiga, principalmente do Renascimento e da Idade Média (Gabriel, 2021).

A respeito ainda das práticas do Madrigal Ars Viva, é importante notar que, em período posterior, Willy Corrêa de Oliveira publicou um artigo em 2008 no jornal *O Estado de São Paulo*, em que revê sua posição sobre Villa-Lobos, e publicou esse mesmo posicionamento em livro, na ocasião do centenário da morte de Villa-Lobos (OLIVEIRA, 2009). Sobre Gilberto Mendes, podemos lembrar da obra composta para coro em 1987, dedicada a Roberto Martins e intitulada *Lenda do caboclo, a outra*, uma homenagem a Villa-Lobos por ocasião do centenário de seu nascimento (MENDES, 1987). E que, de fato, houve o trabalho de Martins com a obra de Villa-Lobos como regente do Ars Viva de Santos, o qual é mencionado por Coelho de Souza (2011).

Em última análise, esse aspecto das práticas corais do período suscita reflexões a respeito da recepção e do alcance que teve a obra de Villa-Lobos e de outros compositores nacionalistas em grupos e em uma prática altamente influenciada pela vanguarda, como é o caso dessa coexistência entre a música do século XX e a música antiga que é objeto de estudo da presente pesquisa. Ao menos com relação a performance e práticas de repertório, é possível que o dualismo entre vanguarda e nacionalismo não fosse tão estrito quanto foi na disputa estética que caracterizou a relação entre compositores de ambos os movimentos a partir da segunda metade do século XX.

Referências

- COELHO DE SOUZA, Rodolfo. O Madrigal Ars Viva como laboratório de compositores. In: VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte (org.). *Madrigal Ars Viva 50 anos: Ensaio e Memórias*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 23-32.
- OLIVEIRA, Willy Corrêa de. *Com Villa-Lobos*. São Paulo: Edusp, 2009.
- GABRIEL, Ana Paula dos Anjos. *Música do século XX e música antiga em performances corais em São Paulo (1960-1979): práticas interpretativas*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Profa. Dra. Susana Cecília Igayara-Souza, 2021.
- KATER, Carlos. *Música Viva e H.J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- KOELLREUTTER, Hans Joachim. “Carta Aberta aos Músicos e Críticos do Brasil: Resposta a Camargo Guarnieri”. <<http://koellreutter.ufsj.edu.br/modules/acervodocs/photo.php?lid=604>>, acesso em: 26 ago 2024.
- MARTINS, Roberto. *Entrevista* concedida a Ana Paula dos Anjos Gabriel em 10 jan. 2019.
- MENDES, Gilberto. *Lenda do Caboclo, a outra*. Santos, 1987. Partitura em Pdf fac simile In: *Rev. IEB* São Paulo, Nº 34, p. 187-190, 1992.
- NEVES, José M. *Música Contemporânea Brasileira*. São Paulo: Ricordi, 2008.
- RODRIGUES, Lutero. *Entrevista* concedida a Ana Paula dos Anjos Gabriel em 18 dez 2018.
- SILVA RAMOS, Marco Antonio. *Entrevista* concedida a Ana Paula dos Anjos Gabriel em 8 de novembro de 2019 e em 13 de março de 2020.
- STERNHEIM, Alfredo. *Diogo Pacheco: Um Maestro Para Todos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- VERHAALLEN, Marion. *Camargo Guarnieri: expressões de uma vida*. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial, 2001.